

## **Resistência à obsolescência do homem**

Por Bruno Franco, do Jornal da UFRJ

Rio de Janeiro, 21 de junho de 2011

Em visita ao Rio de Janeiro, onde tomou parte do ciclo de seminários “Forma e Sentido Contemporâneo”, que tem sido realizado no Oi Futuro, sob curadoria do compositor, poeta, filósofo e escritor brasileiro, Antônio Cícero, o poeta e filósofo francês Michel Déguy, presidente do Conselho de Administração do Collège International de Philosophie e fundador da revista *Po&sie*, recebeu nossa equipe de reportagem e discorreu acerca da perda de sentido das grandes narrativas, da lógica econômica por trás da demanda cultural contemporânea e da Arte e a Ecologia “radical” como formas de resistência ao “fim de tudo”.

Nascido em Paris, em 1930, Déguy é autor de cerca de 40 livros e mais de uma centena de artigos. Em sua obra mais recente destacam-se *Spleen de Paris* (2000), *Reabertura após obras* (2007), este editado no Brasil, em 2010, pela editora Unicamp, e *La Fin dans le monde* (2009).

Influenciado por seus contemporâneos e conterrâneos, como seu amigo Jacques Derrida e Jean François Lyotard, bem como pela obra de Martin Heidegger, Déguy desvela e critica o potencial destrutivo da técnica, que põe em risco não o planeta, mas a forma de existência da sociedade que conhecemos e sua relação com o mundo, o qual deveria, em seu entendimento, ser habitado poeticamente.

Se a decadência das cidades e a obsolescência do homem são a visibilidade perfeita da economia cultural, a super-humanização do homem torna-se o *ethos* para a resistência poética.

**O senhor considera que a poesia – e a arte de uma maneira geral – tem seu valor diminuído pela lógica economicista, que lhes atribui valor de mercado e toma a cultura como um sintoma?**

**Michel Déguay:** É mais complicado do que isso. Há uma demanda muito forte que eu chamo de demanda cultural, uma demanda de tipo social, de animação, como se diz na França, nas pequenas mídias, pequenos festivais, pequenos recitais, performances, na atividade festiva. Portanto, há uma demanda, que é, justamente, uma demanda econômica, pois é dirigida pela economia mundial. A questão é se nessa economia cultural, o que tínhamos há 50 anos é a mesma coisa que esperamos, que os filósofos chamam de *d'omonimi*. Isto que pessoas como eu entendem por poesia, que pode ser lida, que nós escrevemos nos livros. Não é somente isso que se espera e se requisita por poesia. Esta é a situação, que eu chamo de economia geral do cultural.

**O senhor já escreveu que o poema é aperitivo e cognitivo. Não há mais lugar para o poema narrativo, didático?**

**Michel Déguay:** Há vários tipos de poemas. Há poesia e poética. O que entendemos por poética é uma reflexão sobre a poesia. Há uma poética tradicional, na qual trabalho. O poema escrito, que pode ser lido, pode ser recitado. Este pertence ao *logos*. A frase, a sequência, que pode ser ela mesma narrativa.

**Qual a influência da filosofia de seu amigo Jacques Derrida em sua obra?**

**Michel Déguay:** Para a escrita poética, nenhuma. Foi uma outra fonte, que ajuda a reflexão, do corpo poético-filosófico, do que então aprendi com influência muito forte. Mas, dentre os outros pensadores do tempo, o pai de todos os pensadores foi Heidegger. Derrida, ele próprio, foi um continuador, um discípulo de Heidegger. É uma enorme zona de leitura, de influência, na qual Derrida desempenha um papel essencial. E, como sempre, se deve entrar no detalhe. O pensamento, que foi uma reflexão do tempo, da época, é uma comunicação, transação, uma permuta numerosa com o pensamento. Derrida, o pensamento da diferença, da escrita generalizada, da “gramatologia”.

**Em *La rose des langues de Paris* (Rosa das línguas de Paris), o senhor expõe a problematização do poder destrutivo da técnica. Após o acidente nuclear de Fukushima, o senhor considera que o problema está posto na ordem do dia, mais uma vez?**

**Michel Déguay:** Sim, ele é o único problema. O que me interessa é o cerne do que chamamos de ecologia e do que chamamos de poesia. A ecologia profunda, não radical, não o problema de arrumar o lixo. Pode-se dizer, o problema que os filósofos heideggerianos chamam de devastação da terra, que o filósofo francês Jean François Lyotard cunhou como “deterrestration”. É a preocupação posta na ordem do dia, após Fukushima. Eu recebi de amigos japoneses uma solicitação para participar de uma obra coletiva e fiz um poema chamado “Magnitude”. Não há atualmente outra questão no mundo.

**Uma das tarefas da poesia é “velar sobre a diferença”. É a questão da identidade que está em jogo?**

**Michel Déguay:** Sim, justamente. Quem somos nós? É uma pergunta muito antiga. Poderíamos dizer, hoje em dia, que a razão humana está enlouquecida pela identidade, seja ela individual, pessoal; seja ela étnica, nacional. Quem somos nós? Franceses, brasileiros. A pergunta é inescrutável. Dou-lhe um exemplo : a identidade, atualmente, é traçável, retraçável. A questão, portanto, é de traço. Nós nascemos, somos DNA, um traço científico. No supermercado, a empregada ou dona de casa, compra um bife. Com o traço, podemos saber de onde vem a carne, remontar à sua origem, desde a Argentina. Segurança por todos os lados, a marcação de todos. O século XX foi o século da revolução. Uma parte, poética, surrealista, de André Breton. Outra, comunista. Queremos mudar o mundo politicamente e queremos mudar o mundo poeticamente. Qual a palavra de ordem da revolução? Apaguemos o traço. Qual o problema hoje? O armazenamento. Fotografia, a identidade... Queremos armazenar tudo. Os tempos mudaram, vivemos outra época. É uma mutação

extraordinária, provavelmente catastrófica. A terra não resistirá. Atenção, ecologistas, pois não me refiro ao planeta. O planeta suportará bem, é um bólido cósmico, que gira a bilhões de anos e girará por bilhões de anos. Não falo do planeta e sim da terra e sua relação com o mundo. Anteriormente, tínhamos mundos, como dizia Fontaine, mas hoje não, temos um mundo. Globalizado. E o outro que irá substituí-lo, para os ativistas “altermondialistes” (defensores de uma outra globalização, inclusiva). A poesia, e a ecologia à sua maneira, têm a mesma preocupação. Como impedir a “deterrestration”, como impedir essa espécie de fim do mundo, que se aproxima muito depressa.

**Em *A Energia do Desespero (Dans L'Energie du désespoir)*, o senhor escreveu que “a responsabilidade poética é a de super-humanizar o homem”. Super-humanizar de que maneira? De uma forma nietzscheana?**

**Michel Déguy:** A palavra vem de Nietzsche: *übermensch* (super-homem, ou além-homem). Eu penso em um filósofo alemão, que foi o primeiro marido de Hannah Arendt. Ele se chama Anders (Gunther Anders). Ele cunhou uma expressão, “a obsolescência do homem”. O ser humano tornar-se-á obsoleto. Então, apesar da obsolescência há um processo de mudança e o homem continua e pode ter futuro. É uma questão de transcendência, mas não no sentido religioso ou espiritual. A transcendência é um movimento de transformação, trans-humanização. O que Nietzsche quis dizer ao anunciar o super-homem foi dizer que o homem atual está obsoleto e que se deve inventar outra coisa. Quem pode inventá-la? A arte.

**E o que causou a obsolescência do homem?**

**Michel Déguy:** Foi o que Nietzsche chamou de “a morte de Deus”. Isto que, recentemente, muitos dos filósofos franceses, em particular Derrida, chamaram de “o fim de”. O fim da arte, o fim da história, o fim de tudo. Eu escrevi um pequeno livro, *O fim no mundo (La fin dans le monde)*. O fim está por todo lugar, essa é a

obsolescência do mundo. De uma maneira, a maioria das pessoas é religiosa, crédula. Por outro lado, não praticam a religião que professam. No fundo, não mais se importam. Há uma espécie de sobrevivência dos grandes temas religiosos. Em termos técnicos, nos diríamos, os grandes teologemas, os grandes filosofemas. Ao mesmo tempo, a energia e a invenção estão mortas. Há movimentos religiosos integristas, como no Islã, que desejam retornar ao tempo que o importante era o porvir. Quem inventou o porvir? A Filosofia, Platão.

### **Obsolescência, em referência também às meta-narrativas?**

**Michel Déguay:** Sim, é isso. E como disse Jean-François Lyotard, as grandes narrativas terminaram. Isso pode ser dito da Bíblia como uma grande narrativa. Do Corão, do marxismo. Muitos pensam que o fim do mundo e a obsolescência são bobagens. São pessoas que crêem no mercado, na riqueza para todos, que crêem no progresso. Mas, é um nível de vida, de consumo que não pode ser partilhado. Atualmente, a obsolescência do mundo é um pensamento de filósofos, que não pode ser partilhado por muitos, salvo alguns artistas sérios, pensadores interessantes, poetas.

**O senhor ama Paris, e isso é nítido em seus poemas. Não obstante, sua obra conserva um olhar crítico quanto à priorização do turismo e a absorção da cultura americana. Estes seriam aspectos menos favoráveis de sua cidade preferida?**

**Michel Déguay:** Baudelaire já dizia que “Paris n’est plus” (Paris não é mais), mas a forma pela qual se pode dizer, atualmente, que Paris não é mais, é diferente do tempo de Baudelaire. O turismo é a epifania, a visibilidade perfeita disso que chamo de cultural. Qual é o sonho liberal? Um grande mercado de consumo. Quem consome? As pessoas de diferentes nacionalidades e etnias que têm curiosidade quanto ao que fazem os outros. A economia mundial é dirigida por essa curiosidade pacífica, pela

esperança de paz aportada por um mercado mundial. Eu passei minha vida toda em Paris e vi as mudanças. Você sabe por que o Louvre se transformou? Quando os japoneses visitavam-no, não encontravam os banheiros. Daí 20 mil japoneses saíam do museu e iam à rue de Rivoli. Então o Louvre foi adaptado para oferecer hospitalidade aos turistas estrangeiros. As pessoas não se interessam mais pelo museu e sim pelos produtos derivados. A compra dos objetos que são fabricados como *souvenir*. Demora-se dois minutos diante de uma obra-prima e duas horas na loja de *souvenires*, para comprar uma camisa, uma caneta. A fruição pela contemplação terminou. Essa é a economia cultural.

**A humanidade sempre almeja a inteligibilidade. Mas, em *Spleen de Paris*, o senhor enunciou “não é razoável considerar como razoável a esperança de entender-se”. Esta é uma capitulação face ao nihilismo ou o reconhecimento de que a poesia se distingue do cartesianismo?**

**Michel Déguay:** É um pouco mais complicado do que isso. Nós nos compreendemos em francês, mas se estivéssemos na África, em uma cidade cuja língua franca seja o swahili, não nos entenderíamos. Há 15 mil idiomas no mundo, é uma torre de Babel. Nós saímos do *logos*. Isso quer dizer que nos entendemos na língua vernacular, porque o homem é um ser falante. É preciso dialogar, e essa é a grande palavra do saber político. Mas, o diálogo não pode produzir mal-entendidos. A demografia humana é catastrófica. Há sete bilhões de pessoas no mundo, e, em breve, seremos nove bilhões. O consumo de nove bilhões vai consumir a terra. É a morte demográfica da humanidade.